



A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRICANA NA CRÍTICA À COLONIALIDADE DO PODER ¹

Natacha Pereira Alves Bastos ²
Rogerio Mendes de Lima ³

RESUMO

A literatura pode ser compreendida a partir de duas perspectivas. A primeira, dialoga com o campo artístico, uma vez que pode ser pensada como uma manifestação artística que utiliza como matéria prima a palavra. A segunda, como um componente escolar que contempla obras selecionadas com objetivos específicos de discussão. O presente artigo procura discutir como a literatura como campo do conhecimento ainda sofre influência da colonialidade do poder, nos termos definidos por Quijano (2005). Temos como premissa que a literatura possui um papel essencial na formação da identidade dos estudantes e, como tal, devem expressar diferentes modos de conceber e produzir literatura. Entretanto, a partir de uma investigação com estudantes do primeiro ano do ensino médio foi possível perceber que o padrão de literatura eurocentrado ainda é a referência predominante, o que silencia ou secundariza a literatura africana. Para questionar esses modelos nos utilizamos da Interculturalidade Crítica (Candau, 2008) e da Pedagogia Decolonial (Walsh, 2007). Como instrumento de geração de dados, aplicamos um questionário através do *Google Forms*. Os resultados obtidos sinalizam a necessidade de eliminar os silenciamentos da literatura africana tanto na escola como fora dela, e a reconhece como uma ferramenta fundamental para a produção de novas formas de pertencimento, compreensão e ação transformadoras no mundo.

Palavras-chave: Literatura africana, Colonialidade do poder, Interculturalidade crítica, Pedagogia decolonial.

INTRODUÇÃO

Seja como disciplina escolar ou como manifestação artística, a Literatura é um campo com potencial para a construção/produção de novos conhecimentos e possibilidades. Através da literatura, os diferentes sujeitos podem despertar em si a catarse⁴, no sentido aristotélico do termo, e a fruição⁵.

¹ Este artigo apresenta dados obtidos através da pesquisa de dissertação para titulação de Mestrado pelo Colégio Pedro II, no Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro III-RJ, bastos.natacha@gmail.com;

³ Doutor em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, mendeslimacp2@gmail.com;

⁴ Este conceito foi proposto por Aristóteles, que tem por definição a purificação dos sentimentos.

⁵ De acordo com Cândido (1995, p. 256), a fruição é um fenômeno despertado pela obra ao leitor, que envolve sentimento e pertencimento, além da imaginação.



De acordo com Compagnon:

A verdade é que as obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica, [...]. Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos. Tal foi por muito tempo a justificativa da leitura ordinária e a premissa da erudição literária. (COMPAGNON, 2012, p. 31)

Desse modo, a identificação do leitor com as obras literárias proporciona o desenvolvimento de uma sensibilidade para seu cotidiano, com potencial de humanizar e fazer reconhecer o contexto social no qual está inserido. Entretanto, para que isso ocorra, a literatura deve ser percebida como algo para além da formalidade linguística e do cumprimento protocolar de orientações curriculares, o que implica em ser um elemento de conexão dos leitores com sua realidade sócio-histórica.

Faleiros (2019) levanta um questionamento sobre o ensino e o sentido atribuído pela escola ao termo literatura. De acordo com a autora, “o tensionamento entre as diferentes manifestações literárias, seus suportes e sua relação com o “leitor comum” é uma das discussões que atravessam o debate sobre a crise do ensino da literatura.” (FALEIROS, 2019, p. 2). Na concepção defendida por ela, a definição da literatura enquanto campo do conhecimento é complexa e marcada por um impasse:

Outro aspecto para o qual apontam os diagnósticos sobre a formação de leitores literários na escola é o aparente descompasso entre a representação da leitura como uma atividade de fruição, uma relação singular, solitária e silenciosa entre texto e leitor (um hábito que deseja transmitir aos jovens na escola, pois socialmente legitimado) e a leitura de textos literários empreendidas no ensino básico, sobretudo no ensino médio, que, em certa medida, reproduzem um modo de se ler o literário calcado nas práticas desenvolvidas no âmbito da pesquisa em nível superior na área das Letras. (FALEIROS, 2019, p. 3)

Faleiros (2019, p. 5) afirma que muitas vezes, o ensino de literatura “desconfigura a relação do leitor com o texto literário”. Na busca de solução para esses impasses, Silva (2016) desenvolve o conceito de escritas para designar o conjunto dos textos que os estudantes de ensino médio têm acesso e exercem sobre eles o papel formativo para a leitura. Nesse sentido, podem ser considerados como escritas tanto os



denominados textos do cânone literário como termos e usos paralelos na escola e no cotidiano para a literatura.

aposto na ideia de que a noção de escritas soa como mais democrática, mais dinâmica, mais acessível, sobretudo, às populações em geral, por abarcar as várias textualidades lidas, discutidas e entendidas pelos discentes como mais propícias a uma fundamentação teórica e conceitual que não apresente “problemas” de ensino-aprendizagem. (SILVA, 2016, p. 45)

Literatura é entendida por ele como a “arte da palavra” (SILVA, 2016, p. 45). Do ponto de vista que adotamos neste artigo, nos associamos a essa perspectiva na medida em que ela nos permite pensar a literatura como algo que incorpore produções, saberes e escritas que vão além dos modelos eurocentrados do que deve ser considerado como literário.

Do ponto de vista da educação básica, postulamos que a Literatura para alcançar esses objetivos deve ser abordada a partir de uma perspectiva intercultural crítica e decolonial. Nesse sentido, é necessário realizar dois movimentos: por um lado reconhecer os processos de poder presentes na construção da disciplina enquanto componente curricular, e por outro, promover novas formas de difusão da literatura que deem voz aos grupos sociais silenciados historicamente por conta da dominação colonial e da colonialidade do poder.

De acordo com Quijano (2005), a colonialidade do poder está relacionada à disputa por dominação que perpassa as relações sociais e se solidifica por meios de existência social, sendo uma consequência do processo de colonialismo. Assim, um desses meios de dominação é o controle da subjetividade e de seus produtos, ou seja, o conhecimento. Nesse sentido, podemos refletir acerca da literatura, uma vez que a presença dominante de uma literatura, como, por exemplo, portuguesa, e o silenciamento da literatura africana nas práticas escolares, ou até mesmo nos livros didáticos e currículos.

Essa perspectiva é diferente dos modelos difundidos pelo multiculturalismo e que sob o discurso de inclusão ou de respeito às diferenças, promove uma mercantilização da literatura, transformando-a em mercadoria e consolidando padrões que atendem aos interesses do mercado editorial e mantém a lógica eurocêntrica no campo da literatura. Figueira (2002, p.117-118) já alertava para os problemas da adoção do multiculturalismo como orientação para os estudos no campo da literatura:



[...] o Terceiro Mundo existe sob a rubrica das literaturas pós-coloniais e estas são tratadas sob o guarda-chuva do multiculturalismo; todavia, os estudos pós-coloniais e multiculturais têm pouco a ver, de fato, com a realidade do Terceiro Mundo. O envolvimento retórico apenas se mascara em projeto de mudança social. (...) Privada da especificidade cultural, uma experiência colonial pode vir a se parecer com outra. Em um contexto multicultural, esses locais idealmente seriam indistinguíveis. A história pode, pois, ser dividida em segmentos controláveis e isolados, com base na experiência do colonialismo moderno, enquanto ao mesmo tempo se reprova o falso essencialismo. Essas representações fragmentárias e a-contextuais são aceitas com um profundo cinismo, considerando o Outro como objeto fossilizado de experimentação clínica.

Nesse cenário, a literatura africana permanece em um lugar silenciado ou secundário, na medida em que de um ponto de vista é percebida como exótica ou relacionada a elementos sociais negativos como guerras, miséria ou escravidão e por outro, é recuperada como instrumento de marketing para criar nichos de mercado que são absorvidos pela indústria cultural. Em ambos os casos, a literatura africana continua a exercer pouca influência na formação dos leitores, como veremos na apresentação dos dados gerados pela pesquisa.

Segundo Milton Santos (2007, p. 81-82), “a cultura como forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver”, assim, a literatura constitui um importante caminho para a troca de aprendizados e reaprendizados, tendo em vista que a cultura e sociedade estão em constante mudança. , Por exemplo, o contato com a literatura africana é capaz de propiciar aos estudantes um reconhecimento e identificação com sua identidade e um giro epistêmico, uma vez que há o protagonismo de vozes por muito silenciadas.

Mas até que ponto, a Literatura tem cumprido esse papel? De que modo os estudantes têm percebido a Literatura como forma de aproximação e reconhecimento do seu cotidiano e da sua história? E a literatura africana, qual lugar ocupa no imaginário e na prática literária dos estudantes? Para responder a essas perguntas, fomos a campo investigar a relação de jovens estudantes com a Literatura, em especial a literatura africana.

Assim, este texto pretende levantar um debate acerca dos hábitos literários de estudantes de primeiro ano do ensino médio matriculados em instituições públicas e



privadas do Rio de Janeiro com foco específico na literatura africana, procurando interpretar os dados gerados a partir da perspectiva decolonial.

A escolha da literatura africana está relacionada ao fato de que de acordo com os dados do IBGE, mais da metade da população declara ter ascendência africana. Ao longo do texto, nos utilizamos da interculturalidade crítica e perspectiva decolonial para refletir sobre os resultados da pesquisa e as potencialidades que a Literatura pode ter na formação dos estudantes enquanto sujeitos históricos. É importante ressaltar que como a pesquisa ainda está em andamento, os dados e as discussões apresentadas são preliminares, mas já nos permitem auferir alguns elementos importantes para refletir sobre a relação entre a abordagem literária na escola básica e elementos típicos da chamada colonialidade do poder (Quijano, 2005).

METODOLOGIA

Esse trabalho propõe a analisar dados, inicialmente, de maneira objetiva com a finalidade de verificar como os estudantes da primeira série do Ensino Médio se relacionam com a literatura, através da aplicação de um instrumento de pesquisa, no caso, um questionário preparado através do *Google Forms*. A opção pela escolha dos alunos pertencentes à primeira série deu-se pelo fato de que os alunos dessa etapa estão ingressando no Ensino Médio, trazendo consigo as experiências e leituras realizadas ao longo de sua experiência do ensino fundamental, mas ainda sem contato formal com a literatura enquanto disciplina escolar.

O link do questionário no *Google Forms* foi divulgado e respondido por 39 estudantes de primeiro ano do ensino médio em julho de 2020. A escolha desse público foi feita considerando que esse é o grupo que tem a Literatura como disciplina formal no currículo pela primeira vez. Além disso, queríamos compreender qual o perfil literário dos estudantes que ingressam no segmento do Ensino Médio, para que então pudessemos entender e analisar esses dados ao longo desta pesquisa.

Ainda, faz-se importante destacar que o termo de consentimento e autorização dos responsáveis para alunos menores de idade foram adaptados e incluídos no formulário, para assim atender às especificações do Comitê de Ética do Colégio Pedro II. Dessa forma, os responsáveis dos alunos menores de idade poderiam autorizar ou negar a participação de seus filhos na pesquisa. A partir dessa premissa, dos 39



estudantes que responderam o questionário, 38 tiveram suas respostas analisadas. Apenas 1 dos respondentes por não ter a autorização de seus responsáveis teve suas respostas descartadas. Dos respondentes, 5 eram maiores de 18 anos e concordaram com a divulgação de suas respostas.

Para análise de dados, utilizamos os dados obtidos através de cada pergunta para poder analisar de maneira quantitativa e, posteriormente, fazer uma análise qualitativa dos resultados obtidos. Dessa forma, através da experiência dos autores e do referencial teórico utilizado, buscamos expandir e relacionar tais dados. De acordo com Alvesmazzotti & Gewandszajder (2004, p. 170), “Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos”. Logo, a fim de organizar tais dados, geramos tabelas com os dados numéricos para posterior descrição e relação com o contexto analisado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário original possui 38 perguntas e foi dividido da seguinte forma: I) pedimos a autorização de participação na pesquisa de todos os participantes; II) Buscamos identificar alguns dados pessoais, como idade, a esfera na qual está a escola do aluno e confirmar que o aluno estuda na primeira série do Ensino Médio; III) Procuramos identificar como são feitas as leituras dos alunos, qual é sua frequência, ou seja, quantos livros eles lêem por ano, as escolhas que eles fazem das obras, e se a indicação é feita pela escola; IV) Desejamos nessa parte identificar qual ideia os alunos possuem sobre o continente africano de maneira geral e especificamente sobre a literatura africana, se já tiveram contato, qual imaginário possuem sobre os textos literários africanos. Como recorte para este trabalho, apresentaremos algumas perguntas das partes III e IV.

Tendo em vista o objetivo principal da investigação, iniciamos a parte IV do questionário, direcionando a discussão para a literatura africana e o imaginário que os participantes possuem acerca desta literatura e do continente africano. Assim, a primeira pergunta desta etapa pede para que os alunos citem três palavras que vem à mente quando escuta falar sobre Literatura Africana. Aqui cabe uma pequena reflexão. As identidades sociais são construídas a partir de referências simbólicas vislumbradas no cotidiano. Costa (2018) ressalta a importância do diálogo entre produções intelectuais



do continente africano e brasileiras com o objetivo de produzir um processo de decolonização que seja efetivamente inclusivo e produza simultaneamente a articulação entre a produção negra brasileira e a africana e um questionamento da hegemonia branca na produção intelectual do Brasil. Esse movimento também precisa posto em prática no campo da literatura. As respostas obtidas na evocação de palavras indica essa necessidade. Esses dados serão demonstrados através da tabela abaixo que apresenta as 29 respostas obtidas nesse item:

Tabela 1: Respostas à Evocação de Palavras

	Três palavras sobre Literatura Africana	Ordenar hierarquicamente	Justificar a primeira palavra escolhida na hierarquia
1	Religiosa, cultural e diferente	1- diferente 2- cultural 3- religiosa	Pois é um tipo de leitura que eu nunca tive a oportunidade de conhecer
2	Cultura, interessante, diversidade	1-Cultura, 2-diversidade, 3-interessante	Por que para mim o mais importante é a apreciação de diferentes culturas através da leitura de livros diferentes.
3	Africanos, cultura, e historia	1 cultura, 2 africanos, 3 historia	Por que e a cultura africana e diferente da nossa mais não deixa de ser importante
4	Cultura,diferente e interessante	1= Cultura 2=interessante 3=diferente	Porque eu acho importante nós conhecermos outras culturas.
5	História africana, candomblé e mia Couto.	1 história africana 2 candomblé 3 Mia couto	Porque literatura também é história
6	Escravos, preconceito e respeito	Respeito 1, escravos 2, preconceito 3	Porque é tudo.
7	Origem, imagens e cultura	Cultura, origem e imagens	Porque cultura é sempre importante
8	ancestralidade, mitologia iorubá, dandara (não tem necessariamente a ver com literatura africana mas é o que vem à mente)	1 ancestralidade 2 mitologia iorubá 3 dandara	porque tem relação com o que somos hoje
9	Chimamanda Necessária Linda	1) Necessária 2) Chimamanda 3) Linda	Tenho pra mim que é uma leitura rica em benefícios, mas que pouco se fala, pensa ou questiona sobre ela,os motivos podem ser diversos .Portanto, acredito que seja necessária.
10	Colorido, povoado e inspirador.	1- inspirador. 2- povoado. 3- colorido.	Porque pra mim carrega mais significado.
11	Texto, História e Cultura.	1- Cultura 2- História 3- Texto	Porque a cultura mostra o viver dos diferentes povos.

12	Negro, Índio e dança	1 - Negro, 2 - Índio e 3- dança	Porque os negros são a história africana
13	Esquecida. Desvalorizada. Única.	1- Única. 2- Desvalorizada. 3- Esquecida	A Literatura africana usufrui de uma essência única. Por outro lado, a mesma não é lembrada por muitos livros didáticos, o que é lamentável pois todos deveriam ter contato com essa linda literatura.
14	Negro, pobreza e fome	Fome é a mais importante, mas não tem como dizer que as outras tem menos importância	Pois com fome ninguém vive
15	diferente- interessante- nunca li	interessante- diferente- nunca li	Porque é interessante
16	Negro, Pobreza e Guerra	Pobreza Negro Guerra	.
17	Escravidão, luta, história	Luta, história, escravidão	Pois tivemos muitos símbolos de lutas pelos direitos iguais e pelo fim da escravidão.
18	Livros africano, bons, amáveis	1 bons 2 Livros africanos 3 amáveis	Pq eles são bons livros
19	Sufrimento, conflitos, colonização	Colonização, sofrimentos e conflitos	É importante lembrar que o que tornou a terra sofrida foram os processos de colonização.
20	Histórias, poesias e cultura	1- História 2- Cultura 3- Poesia	Pois sem a história não se tem futuro.
21	História, sofrimento, libertação	Sufrimento, libertação, história	Porque é uma situação em que todos sofrem e isso não é bom. Então isso causa mais impacto
22	Interessante, espetacular e legal	1º Interessante, 2º Espetacular e 3º Legal	Porque eu acho a leitura Africana uma coisa muito interessante
23	Negros, fome, cultura	Fome, cultura e negros	Pelo fato da fome ser um assunto que requer atenção e solidariedade dos seres humanos, cabe a todos terem um pouco de solidariedade e compaixão pelo próximo, ainda mais o governo que não ajuda muito.

24	Aspectos culturais, desigualdade social, colonização	Importância média- Aspectos culturais - cultura africana é vasta e diversificada , dotada de uma enorme riqueza imaterial, fator que se explica tanto pela diversidade de etnias presentes na africana. Importância baixa - desigualdade social - a miséria, a fome , as doenças e a desigualdade social não fazem parte da história antiga da África. Importância alta - colonização- o continente africano e o asiático foram os últimos a serem colonizados pelos europeus , nas Américas, o processo de colonização teve início ainda no século xii.....	Por que a influência africana no processo de formação da cultura afro-brasileira começou a ser delineada a partir do tráfico negroiroalém da prática cultural diferenciada ressaltada , os africanos, ainda , incorporaram algumas práticas européias e indígenas, além de , influenciá-los culturalmente.
25	Dança, religião,cultura	1 Religião ,2 cultura, 3 dança	Porque é a que mais me chama atenção.
26	Cultura, idioma, história	1- História 2-Idioma 3-Cultura	Porque nos relata fatos
27	Cultura, lendas e ancestralidade.	1 Ancestralidade 2 Iorubás 3 Lendas	Pois me conecto com a minha ancestralidade através dos livros de literatura africana.
28	cultura, preconceito, racismo	1. preconceito 2. racismo 3. cultura	porque é uma questão muito delicada, que por mim não existiria, mas existe e é muito comum.
29	Cultura, miséria e resistência	1 – Cultura; 2 – Miséria; 3 – Resistência	Pela importância de se conhecer e preservar na memória as raízes culturais

Fonte: *Dados produzidos pelos pesquisadores, 2020*

Importante ressaltar que houve 9 participantes que não responderam aos três campos analisados através da tabela 1 e foram desconsiderados na análise. Através da análise das respostas dadas, podemos perceber a frequência que algumas palavras aparecem. O termo “cultura” é mencionado 14 vezes, o que demonstra a associação da literatura africana a ideia comum de cultura é um fator significativo para o aluno. Outros termos como diversidade, diferente, dança, religião, idioma, lenda, também se fazem presente como aspecto cultural da literatura africana, conforme a percepção dos participantes.

Outro associação feita é da literatura africana com termos como “luta”, “escravos”, “fome”, “pobreza”, “miséria”, “preconceito”, “racismo”, “desigualdade social”, “sofrimentos”, “conflitos”, “guerras”. Através desses termos podemos relacionar como o imaginário dos alunos se relaciona com questões sociais e com a literatura africana.

Silva & Lima (2018) destacam que uma das formas de operação da colonialidade atinge o imaginário social. Ao analisar as evocações dos estudantes, percebemos que as representações da literatura africana estão ancoradas em termos que representam situações negativas ou de conflito, como se esses fossem os únicos temas possíveis de uma abordagem africana da literatura.

Ao buscar a informação sobre o efetivo contato dos estudantes com a literatura africana, obtivemos os seguintes dados:

Respostas	Quantidade	%
Não lembro	18	47,36%
Não	13	36,84%
Sim	7	18,42%

Fonte: *Dados produzidos pelos pesquisadores, 2020*

Podemos perceber que, apesar dos alunos reconhecerem a literatura africana como um elemento social importante, não há uma afirmação de que esse contato de fato ocorreu. Dos 38 participantes apenas 5 mencionaram a leitura de um autor africano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como outros campos do conhecimento, a literatura sofre os efeitos da colonialidade do poder e da expansão do multiculturalismo a partir da década de 1990. Isso tem consequências. Por um lado, a manutenção, principalmente nas instituições de ensino de uma visão de literatura restrita e atrelada aos padrões eurocêntricos, torna a escola um lugar com influência limitada na escolha das leituras. Ao difundir uma perspectiva assimilacionista, onde ter acesso à literatura é pensado como incorporação a um conjunto de obras definido a partir de padrões eurocentrados de literatura, a escola afasta os estudantes e dificulta a percepção da literatura como campo de conhecimento e produção de saberes sobre o mundo e a vida cotidiana.

Um dos resultados desse processo é a expansão da abordagem da literatura como mercadoria. Nesse cenário, a literatura – em qualquer dos sentidos que lhe seja atribuído – é valorizada a partir do lucro que possa fornecer às editoras e à indústria cultural. Assim, ganha corpo o crescimento de uma visão essencialista e pouco relacionada com os processos históricos de construção da sociedade contemporânea.



Nesse novo contexto, no qual a literatura possa ser instrumento de contestação da hierarquização racial que relega a produção literária fora dos padrões eurocentrados às posições secundárias, espera-se que a literatura africana seja uma ferramenta para que estudantes e leitores visualizem o potencial transformador e a descoberta de novos caminhos que o campo da literatura pode oferecer.

Podemos verificar ainda através dos resultados obtidos, um imaginário de que a literatura africana possui temas relacionados a problemas sociais, como se não houvesse uma enredos além das mazelas vividas pelos continentes. Logo, a apresentação de distintas obras e textos de autores africanos durante as aulas é necessária para desconstrução desse imaginário, abrindo possibilidades de novos saberes.

Como a literatura pode possibilitar uma pedagogia decolonial? De que forma o contato com a literatura africana pode auxiliar para a formação de novos saberes, de forma que haja um equilíbrio entre as distintas expressões literárias? São essas reflexões insurgentes que permanecem na lacuna das reflexões aqui trazidas. É possível e necessário que o contato com a literatura de origem africana, especialmente as de língua portuguesa, ocorra nos espaços escolares, de maneira que haja o conhecimento e reconhecimento dos sujeitos, dos alunos. A literatura é uma poderosa ferramenta de desconstrução de práticas colonizadoras para desconstruir e reconstruir novas possibilidades. Dessa forma, faz-se necessário a introdução das expressões literárias africanas ao longo dos livros didáticos, planejamentos e currículos, de forma horizontal e expressiva, e não somente restrita a certos espaços ou sessões.

É necessária, dessa forma, a valorização da proposta insurgente da interculturalidade crítica (CANDAUI, 2008) e da pedagogia decolonial (WALSH, 2007), na qual os pensamentos e produções contra-hegemônicas dos sujeitos sejam trazidos para o cotidiano dos estudantes, de modo que não somente a literatura africana, mas todas as expressões literárias silenciadas possam contribuir para a formação sócio-histórica desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2004.



BRASIL. Lei Nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v.13, nº 37, p.45-56, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05> > Acesso em: 08 de setembro de 2020

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COSTA, Joaze Bernardino. **Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal**. Revista Sociedade e Estado – Volume 33, Número 1, Janeiro/Abril 2018. <https://www.scielo.br/pdf/se/v33n1/0102-6992-se-33-01-117.pdf>

DA SILVA, Antonio de Pádua Dias. **O ensino de literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. EDUEPB, 2016.

DE LIMA, Rogério Mendes; DA SILVA, Fernanda dos Santos Vallim. **Tarja preta: experiências interculturais em uma escola da periferia**. e-Mosaicos, v. 7, n. 16, p. 141-156, 2018.

FALEIROS, Rita Jover. **O que se ensina quando se ensina literatura? Considerações sobre a constituição de um objeto**. estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 57, e5721, 2019.

FIGUEIRA, Dorothy. **A Literatura Comparada e a ilusão do multiculturalismo**. ESTUDOS AVANÇADOS 16 (46), 2002. P.113-119. <https://www.scielo.br/pdf/ea/v16n46/v16n46a09.pdf>

MALDONADO- TORRES, Nelson. **Transdisciplinaridade e Decolonialidade**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00075.pdf>

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial**. In: **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.